



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

23 de Agosto de 2003 • Ano LX • N.º 1551

Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa  
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

## Processo de Pai Américo

**N**ÃO é hoje, ainda, que vamos dar notícias do andamento do Processo de Pai Américo, apesar de Monsenhor Amaldo ter tido a gentileza de vir entregar-nos, estes dias, a *matéria* do documento final, a POSITIO, a fim de nos medirmos sobre a capacidade de imprimi-la nas nossas oficinas. Eis a tarefa em que os nossos «técnicos» estão empenhados neste momento, razão por que guardaremos para breve mais notícias.

Hoje, sim, queremos informar que vai com esta edição d'O GAIATO a prometida pagela, de rosto tal o que aqui se publica e tendo por substância um texto de Pai Américo, auto-retrato da sua alma, e a oração suplicante de graças por sua intercessão cujo conhecimento dinamizará o Processo em ordem ao seu termo.

É bom, pois, que nos sejam dadas notícias das graças recebidas. E dada a «desorganização organizada» que somos, muito nos ajudará que elas nos cheguem em separado de outros assuntos que, por ventura, os nossos Leitores queiram tratar.

Não podemos esquecer que a Igreja não prescinde do milagre e por isso é necessária a confiança de pedi-lo em causa proporcionadamente grave que se apresente a devotos de Pai Américo que profundamente queiram vê-lo glorificado.

Esta é a primeira distribuição de pagelas, que dirigimos aos nossos Assinantes. Temo-las para outras distribuições a quem no-las pedir.

Padre Carlos



PADRE AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR

FUNDADOR DA OBRA DA RUA

Nasceu em 23 de Outubro de 1887

Nasceu sacerdote em 28 de Julho de 1929

Nasceu para o Céu em 16 de Julho de 1956

## SETÚBAL

### Grupos de rua

**U**MA mãe pediu-nos para recebermos o filho. Ela tem três, e o que nos quer entregar é o do meio. O pequeno já esteve com os avós, mas estes não conseguiram fazer nada com ele.

Só tem dez anos o rapaz. Apesar disso já pertence a um grupo de rua onde há quem seja de maioria.

Com a mãe e os irmãos fomos ao local onde se abriga o grupo. Não estavam.

O rapaz diz que ninguém manda nele. Quando entra em casa é para logo sair de seguida. Na escola, agora que frequentou o 2.º ano e ficou reprovado, dizem-lhe que procure outra, pois já é demasiado grande para acompanhar, na mesma sala, com crianças mais pequenas. «Veja se consegue alguma instituição que o receba», disseram-lhe.

Continua na página 4

## PRATICANDO O BEM

### Sofrimento

**D**OMINOU toda a primeira página d'O GAIATO, de 16 de Agosto de 1997, número 1394, a história do Toninho, que Padre Carlos descreve em jeito de desabafo, angústia e impotência, reproduzindo a ordem do Tribunal de Menores do Porto a comunicar que «por decisão deste tribunal, de 30/05/97 foi revista a medida tutelar em curso e, (...) nos termos dos Artigos 46 e 18 da O.T.M. foi decretada a confiança do menor à progenitora».

Em carta dirigida ao presidente da Comissão de Protecção de Menores acrescenta ainda: «o que lutámos, o que sofremos por ele — não se diz».

O que desde então pensou quem, em Pardilhó, se debruça sobre as desgraças e tem dois dedos de bom senso, podem sabê-lo af. Não assim o douto Tribunal e o Meritíssimo Juiz que no-lo fez entregar à mãe.

Passaram-se seis anos.

O Toninho, agora, com quinze quer voltar para a Casa do Gaiato.

Outra vez os serviços oficiais a telefonar e a pedir para dois irmãos, um de sete e outro de quinze anos. Para o de sete — sim, para o de quinze — não, respondi imediatamente.

Nas réplicas aos porquês vem-me a informação de que o mais velho já tinha estado nesta Casa e só para ela aceitava internamento.

— Então, vou aí ver.

E fui. Vou sempre nem que seja ao fim do mundo!

As crianças desamparadas merecem todos os sacrifícios! Não era longe. Numa hora e pouco, estava ali para os lados de Ovar e da

Murtosa, com duas senhoras doutoras dos serviços sociais bem entendidas no terreno e muito interessadas.

Num dos pequenos grupos de casotas aqui e além, disseminadas no meio da floresta vou encontrar a do Toninho.

O rapaz não estava. Os vizinhos dão informações acerca do seu paradeiro: «Que tinha ido à festa da terra tal, ou estaria para a Ribeira...»

Fomos à tal terra.

Um meio ainda muito rural. Estradas estreitas. Milheirais altos. Quem não conhece sente-se perdido.

Já se desmanchavam os adornos das ruas, sinal de que a festa passara. Não estava.

Vamos à Ribeira. Quilómetros em curvas apertadas nas ruelas das povoações e nas mesquinhas estradas.

Um restaurante típico, em madeira, uma centena de pequeninas embarcações presas no lodo da maré baixa, prenderam-me a atenção, mas o Toninho não tinha deixado rasto. Ninguém dali, o vira, naquele dia.

Voltámos ao aglomerado habitacional e encontramos então o nosso homem!

Quinze anos!

O tempo não pára.

Cabelo ruivo, cara sardenta, trato afável.

— Então, que fazes?

— *Biscates.*

— Não andas na Escola?

— *Nunca mais!...*

— Não foste para a Escola?

— *Não senhor!*

— Sabes ler?

— *Já me esqueci de tudo!*

O meio-irmãozinho brincava por cima de uma nora em poço abandonado.

— Sai daí, podes morrer afogado.

— *Não morro nada!*

Era um menino de sete anos, sujo, descalço, abandonado. Também nunca fora à Escola!

— É este o irmão — indica uma das senhoras doutoras.

— Sim, é o Júlio David — confirma a outra.

— Ó Toninho, toma conta do teu irmão. Tira-o dali — disse eu, com voz convidativa.

— *Eh pá, anda para aqui, senão levas!*

Retirou-se a brincar para a estrada. Tão sujinho!

Vi tudo.

Sim senhor. Poderiam vir quando quisessem trazê-los.

Há um mês...!

Telefonou-me, agora, uma das senhoras a dizer que iriam ter uma reunião no Tribunal.

Aí estará a dificuldade.

A criança abandonada tem duas infelicidades. A primeira é não ter família. A segunda é ser propriedade do Estado que age através dos Tribunais.

E mais nada.

Tudo o resto é roupa-gem.

Nós que queremos ser família para eles, vemo-nos confrontados com esta legislação.

O «Caixa» perdeu o ano por faltas, na EB2/3, de Paço de Sousa.

Após a ida à casa da irmã, no Ano Novo, os dois manos de Tomar: Joel Carlos e Nelson Cristiano, ficaram muito perturbados.

Continua na página 4

## BENGUELA

### Problemas das crianças

**V**OLTO, de novo, a falar de crianças que são ou têm problemas. São os adultos que, normalmente, batem à nossa porta por causa deles. Costumo dizer-lhes que para entenderem bem os problemas das crianças e buscar a melhor solução devem pôr-se no lugar delas. É mais fácil pensar como adultos e agir como convém aos adultos. Contudo, pode não ser a melhor solução para as crianças.

Ultimamente a Casa do Gaiato de Benguela tem sido muito procurada. São

pais com vida familiar destrocada à busca de solução para os filhos. Duma vez, o problema foi posto desta maneira: O filho, ainda pequeno, fugia de casa; não ia à escola; não dava sinais de carinho; tinha atitudes agressivas; gostava de andar com os garotos da rua. Escutei, de pé, a exposição do pai. Perguntei, de seguida, pela mãe. Foi-me dito que a vida em casa era um campo de batalha entre o casal, desde o princípio. O pequenino, de pouco mais de oito anos, nasceu e cresceu nesse ambiente. Quando

chegámos a este ponto da conversa já estávamos sentados, frente a frente. Que dizer mais? Que fazer? Diante de mim, uma vítima inocente sentada no banco dos réus — o filho. Do outro lado, o juiz acusador que devia estar no banco dos réus. Os verdadeiros culpados eram os pais que faziam da sua casa de habitação um campo de batalha.

O filho tinha casa. Tinha pai e mãe. Nada lhe faltava, mas não tinha o mais importante para nascer e crescer em equilíbrio: A

Continua na página 4

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**ALCOOLISMO** — Em algumas famílias deste meio rural, que servimos, o álcool é um problema tão grave que não vemos solução para os doentes recuperarem.

Agora, temos dois casos que não sabemos como lhes deitar a mão... Um embebeda-se no fim de semana. Outro, desfez pequena fortuna, milhares de euros, e um património imobiliário que seria forma de ter além de sua casa uma digna pensão de reforma.

Obviamente, não é só a droga que estraga muita gente, o viver de muitas famílias. Também o álcool é um demónio que estraga muitos cidadãos...!

Verdade seja, por vezes, com dificuldade conseguimos dar hipótese a um ou outro doente, mudar de vida. Porém, é difícil. A gente perde não só a paciência, também um tempo que poderia para servir e dar a mão a quem bem precisa da nossa ajuda.

**PARTILHA** — Fiães (Feira), assinante 31254, com «um cheque que leva várias ofertas, 100 dos quais são para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, para medicamentos de um velhinho. Agradeço anonimato».

Lourdes, de Cacém: «Aqui vai mais um grãozinho, pedindo sempre a Deus para vos dar muita saúde para continuarem com essa Obra tão linda. Bem-haja».

Cento e cinquenta euros, do assinante 67835, de Ribeira de Flandres (Covilhã), «com os meus cumprimentos e agradecimentos pela oportunidade». Não somos dignos de tanto amor! Ainda agora vamos pagar mais uma factura de uma obra de uma das primeiras moradias que Pai Américo

levantou nesta terra, que serviram de linha ao Património dos Pobres de todo o País.

Amial — Porto, a assinante 29565, manda «um vale de quinze euros para as necessidades mais urgentes e em acção de graças por uma graça alcançada. Peço ainda, por caridade, pedirem a Jesus pelas intenções de uma sobrinha minha».

Assinante 9790, de Perosinho, presente com «uma pequena ajuda, ficando reconhecido por uma oração ao Senhor por todos os meus irmãos sem família».

A remessa de quatro encomendas de roupa enviada pela assinante 20868, de Torreira — Murtosa.

Por fim, cinquenta euros, do assinante 19148, do Porto, «pedindo uma oração de sufrágio por alma de minha mulher».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**MATA** — Os rapazes ainda andam a tirar as ervas daninhas à volta das videiras.

**VACARIA** — O novo edifício está quase pronto. Agora, só faltam mesmo umas coisas para coberto do imóvel.

**PRAIA** — Já regressou o segundo turno de rapazes que estiveram na praia de Azurara. Estiveram acompanhados de D. Adelaide.

**MILHO** — Os rapazes andam a tirar ervas prejudiciais à sementeira, para que haja boa colheita para alimento do nosso gado.

**FUGITIVOS** — São quatro: Fábio, Quaresma, Daniel e Jorge. Foram até Coimbra. Entretanto, sentiram fome e entregaram-se no posto da GNR. O

nosso Padre Acílio teve de ir lá buscá-los, perdendo, assim, o descanso de uma parte da noite.

Gil Costa

## SETÚBAL

**CASAS** — Fizemos obras na casa quatro. Pintaram-se os quartos e escadas de acesso. Também o chão foi envernizado e revestido com cortice nos interiores. As camas foram pintadas na nossa serrallaria. Ficou tudo arranjado e acolhedor.

**PRAIA** — O segundo grupo já goza os últimos dias das suas férias. A D. Conceição é a senhora que está com eles,

neste mês de Agosto. Esperamos que eles venham contentes e dispostos a fazer bem os seus trabalhos.

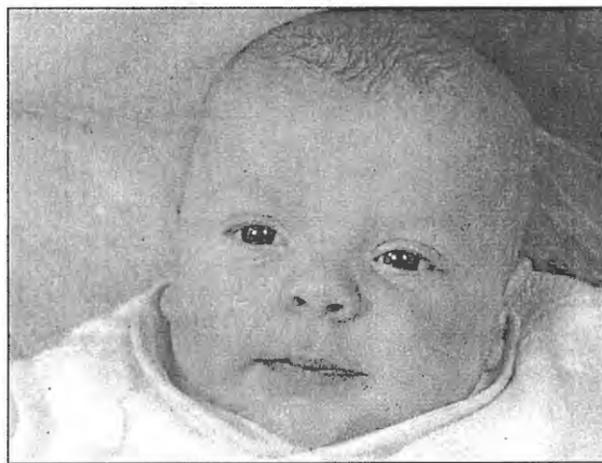
**SILAGEM** — Já enchemos o primeiro silo com milho. Os trabalhos no campo estão a correr bem. Se tudo continuar assim teremos muita silagem para o gado.

**BATATA** — Já acabámos a apanha. A produção não foi a desejada. Esperamos que para o ano seja melhor.

**RAPAZES NOVOS** — Vieram para cá dois rapazes que são irmãos: o Janilton que tem nove anos, e o Agnelo que tem sete, mais conhecido por «Macumbino». São muito amigos do banho na piscina.

Esperamos que eles gostem da nossa Casa.

António Loureiro



Rafael da Silva, filho da Carla e do José, neto do «Tavira».

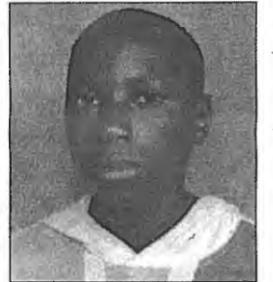
## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

**AINDA O NOSSO ENCONTRO** — Trouxemos a lume, na última edição d'O GAIATO, preocupações e an-

seios que, de certa forma, ainda inibem o nosso trabalho. Julgamos, contudo, que nas tentativas feitas ao longo do ano: estabelecer contactos, aproximação aos sócios, dispô-los para a Associação (já, nestas páginas, publicámos parte dos artigos do Estatuto e Regulamento Interno) e houve sócios, poucos, sim, porque muitas cartas vieram devolvidas, que receberam, em data importante

## RETALHOS DE VIDA

### Francisco



Chamo-me Francisco Mateus Neto, mais conhecido por «Careca». Nasci a 13 de Julho de 1988, tenho 14 anos de idade. Sou natural de Malanje. Frequento o 7.º ano de escolaridade.

Entrei, cá, na Casa do Gaiato, no dia 28 de Dezembro, juntamente com o meu irmão. Motivo da vinda: A nossa mãe faleceu e não tínhamos ninguém que tomasse conta de nós. Entretanto, um Padre da Missão trouxe-nos para a Casa do Gaiato de Malanje e o nosso querido Padre Telmo recebeu-nos com muito carinho e alegria.

Gosto muito de estar com os meus colegas; falando do estudo e outras coisas que nos levam a ser homens.

Francisco Mateus Neto

da sua vida, estímulo e presença nossa.

Julgamos, repito, que pelo trabalho já vosso conhecido, temos capacidade, pernas para andar e objectivos a estabelecer — todos — que o projecto a que nos lançámos é uma aspiração e um desejo comum.

Então, que falta?

O essencial: — Tu.

Isso mesmo, tu que nos ouves e tapas os ouvidos. Tu que tens o conhecimento que te dá a capacidade. Tu que tens os mesmos desejos, as mesmas virtudes (ou melhor virtude), tu que olhas com saudade, porque amas, o solo — a tua Pátria. Ela é (e por isso a defendemos com todas as forças) a terra que pisamos e nos viu crescer e nos deu a conhecer pessoas e nos estabeleceu laços duradouros; tudo quanto a nossa memória guarda; tudo a quanto o nosso coração se prendeu — tudo o que sentimos.

E quando se perde e, na perda, se valoriza? E se não houver retorno?

Olha, na simplicidade de

exemplo: Quanto pensas ter sido o cálculo para as presenças neste encontro; quantos vieram; quanto sobrou daquilo que abnegadamente nos foi oferecido?

Quem comeu as sobras?...

Não existe só o egoísmo do açambarcar, é, também, egoísmo sacrificar outros a comer (mais de uma vez) a tua parte — a migalha que sobra e cai da mesa onde devias estar.

— Lázarus, não!...

E é também egoísmo sentir que se tem todo o direito (quase que se impõe-se esse direito) que pelo facto de se ser gaiato tudo nos é devido. Não! Não pode ser! A Associação deve responder aos que realmente assumem a exigência de ser. Aos que desprezam e só procuram por interesse momentâneo...?!

Também tu te lembrás da parábola dos Talentos...

Quem somos nós para agir diferente.

Tem-los, põe a render! Nem mais!

Júlio Fernandes



Um grupo de rapazes em férias na casa da Arrábida

## Férias com os gaiatos na Arrábida

«O que fizerdes a um destes pequeninos a Mim o fizeste».

Jesus Cristo

Há nove anos atrás estive uma temporada na Casa do Gaiato de Setúbal, integrado num grupo de jovens que se preparava para ir desenvolver trabalho social nas favelas do Brasil.

Nessa altura, achei admirável a Obra do Padre Américo — desenvolver Casas «de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes».

Por isso, sempre que podia, fazia uma visita à Casa do Gaiato de Setúbal. Mas, o grande encontro com a Obra da Rua surge há uns meses atrás, quando estive directamente envolvido na Festa dos gaiatos, no Barreiro. Percebi, mais uma vez, esta grande missão...

Em conversa com o Padre Júlio, surge o convite de fazer voluntariado, no mês de Julho, na casa de férias, no Portinho, da Arrábida. Não hesitei, fiz a mala e lá estive uns dias a viver e a partilhar o espírito daqueles rapazes. A sua forma de funcionamento e de organização das suas actividades são, verdadeiramente, dignas e de quem «quer ser alguém, no futuro» — como muitos me disseram, com a esperança estampada no rosto.

Estive em pura experiência comunitária: desde as refeições, oração, idas à praia e actividades na casa.

A Casa do Gaiato é, para mim, local onde se desenvolve verdadeiro amor ao Próximo; por isso, sempre mereceu, da minha parte, grande respeito e admiração.

Cláudio Anaia

## PÃO DE VIDA

## Mais pão

**J**ESUS escondeu-Se no pão que distribuiu com abundância aos famintos daquele tempo. Foi um rapaz que Lhe entregou a pequenina parte para realizar um sinal antecipador do encontro íntimo de despedida. Do que sobrou, nada se perdeu, e foi recolhido para dar, outra vez, de comer.

Com frequência, manhã cedo, vários rapazes nos pedem *mais pão*. E não tem faltado nas arcas.

Contudo, é doloroso observar alguns estragos que, às vezes, ficam depois da debandada.

Chega até nós o grito de oitocentos milhões de pessoas que padecem de fome crónica.

A ânsia de ter mais obscurece, também, a nossa vida comunitária. É uma atitude pessoal, egoísta, que pode aumentar em grupo.

Num Domingo, quando era levado mais pão para as mesas, alguns tentaram açambarcar. No final, viram-se nos tabuleiros restos de pão mal comidos.

Noutra ocasião, ficou uma malga com leite e bolachas. O «Pinheiro» não quis assumir, logo, o erro; mas, chamado a contas, acabou por reconhecer o deslize. Não podemos deixar calar o *eco interior* que

vem do Transcendente, mesmo nos gestos mais simples. Não se perdeu a oportunidade de retificar a linha. O conteúdo da dita tigela foi apresentado, depois, para ser ingerido, como reparação.

Educar na suposta abundância é um caminho árduo a percorrer. Esse vírus pode contaminar estes garotos até ficarem insensíveis, se não há intervenção com determinação, a tempo e horas.

É clamoroso lançar aos cachorrinhos o que sobra nas mesas e serviria para compor outras refeições.

Algum tempo depois de sairmos de uma refeição, reconfortados com doce, o «Cocas» vagueava na rua com batatas fritas, na mão.

Estes rapazes vivem e crescem numa família cristã. E não podem ser pessoas *sem abrigo*, na ânsia de esmolas e guloseimas, como alguns errantes nas ruas dos burgos. *Coitadinhos, não!*

Seria tão bom que eles se libertassem desse estigma e deixassem de imitar, à sua escala, a ganância dos poderosos, que não incentivam as sementeiras de trigo, mas sugam as riquezas reluzentes do subsolo.

Padre Manuel Mendes

## Correspondência dos Leitores

«Envio um cheque para O GAIATO. Peço imensa desculpa do atraso. Isto não é mais que descuido, é do deixa andar.

Não quero é, de maneira nenhuma, deixar de o receber, pois é lido de fio a pavio e muito apreciado. Deus acuda ao Marco, na sua doença, e que volte a ser o que era. Rezamos por ele.

Assinante 38712».

«Passei por aí num sábado, integrado num grupo, e fiquei a conhecer mais de perto essa tão necessária Instituição, a qual conhecia, de nome, desde pequeno.

São Obras como a do Padre Américo que nos fazem esquecer outras tão falhas de sentido de justiça.

Envio um pequeno contributo como gota de água que possa juntar-se a outras e fazer correr esse rio de água viva.

O meu obrigado por todos os que usufruem da vossa abnegação.

António Ramos».

«Bem-haja por tudo quanto têm feito. O GAIATO, para mim, é uma bênção. É sempre recebido com a alegria e com o amor com que se recebe o melhor amigo. Leio-o de fio a pavio e quando acabo volto ao princípio como um livro de orações.

Envio pequenina migalha para actualizar a minha assinatura. Por favor não mandem recibo. Um abraço cheio de ternura.

Assinante 26580».

«Quando recebo O GAIATO leio, em primeiro lugar, o "Património dos Pobres". É que as vivências relatadas levam a uma profunda meditação. Ao ler o de 17 de Maio, relativo à mulher com dez filhos e à sua grandeza, senti-me profundamente comovida e humilhada. No entanto, só hoje envio cheque.

Disponha do dinheiro para esse caso, ou outros urgentes, que os há sempre. Agradeço que retire o necessário para a assinatura do Jornal, respondendo ao seu apelo de 12 de Julho. Rezo pela vossa dedicação e empenhamento.

Assinante 1435».

«Sobressaltado pela possibilidade de deixar de receber O GAIATO venho, por este meio, regularizar a minha assinatura. Quero continuar a receber, em casa, este belo Jornal — páginas vivas de testemunho ímpar duma Obra que deve ser acarinhada por toda a gente cá de casa.

Assinante 72475».

«Tenho-me distanciado no envio de migalhinhas; mas, raramente me distancio de ler o "Famoso", que é palavra, sempre de actualidade, do inesquecível Padre Américo.

Um abraço para todos e os votos de boas férias, retemperadoras da amargura do dia-a-dia da Obra.

Assinante 61385».

«Venho, por este meio, colaborar com o "Património dos Pobres" na ajuda de recons-

## DOCTRINA



Dia de Natal nas Casas de Coimbra

**S**ENDO certo que o dia de Natal é o 25 de Dezembro, segue-se que foram meramente simbólicas as festas da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo e do Lar de Coimbra. Ora eis como elas foram:

**A**PÓS o levantar da mesa e enquanto os gaiatos de Paço de Sousa discutiam os derradeiros pinhões, virei costas à Comunidade a caminho de Coimbra, mesclado das saudades de quem parte e do prazer de quem chega, que uns e outros são filhos. O rápido estava à minha espera em São Bento. Não havia lugares na bilheteira, mas houve um para mim na carruagem. Tudo facilidades. O vento apanha a lenha dos que servem o Senhor! Quer dizer, Deus jamais falta às promessas. Não pode faltar. Seria o desmoronamento universal. São, até, as Suas promessas que dão coesão, finalidade, sentido verdadeiro à vida. Gosto de me encher a mim mesmo destas verdades para encher delas os leitores do endiabrado O GAIATO.

**E**RA noite quando cheguei. Tinha café de neve em Coimbra e deixado frio nos transeuntes daquela hora. Preparei-me no dia seguinte com as prendas do estilo para fazer a entrada na Comunidade de Miranda do Corvo. O símbolo dizia respeito ao dia, que não às prendas da festa. Entre outros artigos, comprei quatro dúzias de piões com suas faniqueiras no *Bazar do Porto*, em Coimbra. Talvez seja por via do nome da casa, que o dono me disse: «Olhe, os piões ofereço-os eu e esta nota, a minha mulher».

**M**UNIDOS das coisas, tomei um automóvel. A hora do comboio vinha longe e eu tinha pressa; pressa de chegar a Casa. Chegar com sol. Ver e ser visto. Foi um encontro de raras emoções. Notícias que todos querem dar ao mesmo tempo; perguntas que fuzilam; desejos de saber o que vem nos pacotes. Alegria, interesse, anos verdes, amor à vida. O «Bucha» gritou: «A nossa ovelha pôs uma ovelhinha!» «É toda branquinha!», diz o Humberto. O Joaquim desaparece e num instante regressa com ela ao colo: «Olhe!»

**E**STIVE um dia e vivi todas as horas. Os mais pequeninos ficam no leito,

por causa do frio que faz, e o Adriano leva-lhes as sopas a hora conveniente. O Adriano veio de Tomar onde andava esquecido, sem família nem ocupação. É nosso há dois anos. É o actual roupeiro, posto que recebeu do Baltasar; e tem por ajudante o Carlos, a quem chamam o «Negro» por ele ser muito moreno. Conheci o Carlos nas ruas de Coimbra, a guiar os passos de sua mãe aflita que foi um dia ao Instituto do Cancro buscar o desengano e trouxe para casa a morte.

**E**LE há doenças que são ironia permanente ao progresso das ciências e fonte de compaixão os que sabem consolar. Nós andamos muito atrasadinhos em matéria de Assistência — mesmo muito!

Outro dia, em Lisboa, passei ao pé de uma mulher do povo que seguia caminho em aparente sofrer. Era de Viseu. — Vou ao curativo.

— Aonde?

— É muito longe. É no Instituto.

E disse-me do cancro que tinha no peito; de como dormia por esmola numa barraca; de como mendigava o pão pelos vizinhos pobres. «Vou a pé, senhor padre!» Tão magrinha, tão mortificada, tão andrajosa! Sem pão, sem abrigo, em Lisboa e sozinha! Afastei-me de ao pé dela com vontade de chorar.

**E**STAS verdades escondidas mostram as mentiras que se dizem, que se escrevem, que se vêem; que ele é muito mais fácil ver e acreditar nestas do que procurar e sentir aquelas.

**M**AS vamos ao assunto: De Miranda do Corvo tomei o comboio da Lousã e festejei outro Natal no Lar do ex-Pupilo dos Reformatórios. Houve um peru que fez canja e deu prato. Tivemos fruta e doce. Café, vinho e tabaco. Sim. Fumou-se e eu também fumei. O nosso rádio tocou e falou de tudo menos da guerra. Detesto a guerra, mai-las notícias e as conversas. Quero a paz. Trabalho pela paz. Sou pacífico. Este foi o ponto final das comemorações natalícias. Deixei os meus filhos no Lar a mastigar o derradeiro bocado e fui agarrar o *comboio de prata* para a Capital do Norte, novamente mesclado de saudades dos que deixei agora e anseio de ver os que ontem deixara.

Oh, coração que te não podes partir; para onde vais levas tudo!

*Padre Américo*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

## Detalhes da minha vida

Nasci e renasci  
Em três terras-natais!...  
Nasci em Lisboa  
Onde vivi  
A minha infância voadora...  
Solitariamente inventada  
E solitariamente brincada  
Aos médicos e aos jograis!

Cresci perto do Porto  
Numa Aldeia onde corre  
Um pequeno rio sombrio  
Que se chama Sousa!  
Socialmente era silencioso  
E pouco dado aos outros.  
Era um juvenzinho com enorme  
Imaginação produtiva  
E avesso à violência gratuita.

Adulto, maduro e esperto  
Estive no Alentejo  
Misturado com o interessante povo  
Que não dança  
Mas tão bem canta!  
Lá, aprendi a ser nómada  
E andante que filosofa!

Manuel Amândio

trução destas casas, a que o Padre Acílio fez alusão no Jornal. É uma pequena ajuda, tirada do meu subsídio de férias. Que seja para maior glória de Deus e bem do Próximo.

Assinante 68632».

«Quanto agradeço a Deus pela Obra da Rua e suas Casas do Gaiato! Bem-haja e que o Senhor vos dê muitas vocações para que a mesma continue espalhando o amor e o bem, tão raros e necessários no mundo em que vivemos!...

É como um oásis no deserto. E que bom seria se, todos nós que lemos O GAIATO, abríssimos os nossos corações e nos disponibilizássemos a ajudar!...

Outro seria o nosso mundo... Que Deus perdoe o meu egoísmo e me torne cada vez mais solidária com os que precisam. Quero partilhar convosco o meu subsídio

de férias, para aplicarem como quiserem.

Só peço que nas vossas orações se lembrem desta família de pecadores e juntos apresentemos a Deus os problemas que atravessamos: desde as crises de fé de alguns elementos até à saúde precária de outros.

Que Deus oiça as nossas orações e faça de nós todos instrumentos da Sua paz e do Seu amor.

Um grande abraço em Cristo e a Sua bênção, também em Cristo, para todos nós.

Assinante 13557».

«O motivo desta carta é o pagamento do Jornal O GAIATO. Peço desculpa pelo atraso, pois não tenho pago todos os anos.

Não posso deixar de dizer que continuo a admirar o vosso Jornal, que nos transmite o Evangelho na vida.

Assinante 22329».

# O Banqueiro dos POBRES

**N**O Lar do Porto, ao longo do ano lectivo, temos gozado de três presenças semanais, nas áreas das Línguas e da História, da Matemática e da Física-Química, que, para além do préstimo imediato que as motiva, se tornam uma fonte de enriquecimento pela dedicação aos rapazes no empenho de os ajudar a crescer integralmente. Uma acção que vale tanto nas entrelinhas como no exercício em ordem ao seu directo objectivo, senão mais...! O nosso bem-haja muito caloroso.

Um deles pôs-me nas mãos um livro com o título que encima estas colunas e que tenho lido com um entusiasmo que não experimentava há muito.

O Doutor Muhammad Yunus, Professor de Economia em várias Universidades norte americanas, homem de formação clássica e naturalmente impregnado pelo Capital, regressou, em 1971, ao Bangladesh, sua pátria acabada de adquirir a independência, para aí assumir a docência no Departamento

de Economia da Universidade de Chittagong. «Eu estava cheio de optimismo de que coisas boas haveriam de ocorrer depois da tão terrível guerra da libertação» — confessa ele numa conferência em Madrid, em 1998. «Todavia, falhei ao não considerar que nós não estávamos ainda libertos da pobreza».

Sucedeu, sim, no País e na região, em 1974, uma fome avassaladora que veio agravar o estado de pobreza daquela Nação de setenta e cinco milhões e o colocou frente à inanição das «brilhantes teorias que ensinava», «um mundo de abstracção» que decidiu abandonar para «procurar entender as vidas da sua gente — as causas que os faziam tão vulneráveis à fome».

Tal provoca uma viragem na sua vida e a adopção de uma filosofia e de princípios novos ao arpejo dos que aprendera e ensinara nos mais altos níveis universitários.

«O ponto de partida das teorias económicas — diz ele no preâmbulo da citada conferência em Madrid — tem sido posto na

investigação de causas de saúde das Nações. E são pouco claras algumas que têm sido aduzidas para explicar a pobreza das Nações. A pobreza individual, essa tem sido olhada dentro desta estrutura e explicada a partir de deficiências: pessoais ou no encontro de trabalho; sendo que esta última pode melhorar se a economia em geral crescer.»

A este estado de base das teorias económicas que lhes condiciona o progresso na linha em que se têm desenvolvido, reage o Doutor Yunus com a autoridade científica que lhe assiste e a veemência de quem fez uma fundamental descoberta: «Eu estou aqui como argente de que a pobreza não é criada pelo povo pobre, não é por qualquer deficiência neles, nem é criada pela falta de procura de trabalho. Esta carência é um sintoma, não a causa. A pobreza é criada mediante a inadequação do nosso entendimento das capacidades humanas; pela nossa falha na criação de estruturas capacitantes, conceitos, instituições, políticas, para supor-

tar estas capacidades. Eu estou aqui como argente de que as teorias económicas, tais como as conhecemos, não só não são ajuda para pôr o Pobre fora da pobreza, como podem mesmo ser obstáculos».

Aconteceu a este homem a oportunidade de uma tal descoberta. E foi a partir de pessoas reais que ele passou a ver, não «com olhos de pássaro que voa alto», mas ao rés delas, a situação incrível em que viviam com problemas de tão fácil solução, se o problema não fosse exactamente «a insensibilidade das teorias económicas que não se assumem como ciência social». «Desafortunadamente — continua ele — a elegância das estruturas económicas, obsecada por tudo quanto as faz crescer, tem passado sobre o Pobre, indiferente, na ignorância de soluções tão claras e simples que lhe seriam remédios».

Estamos, pois, diante de um homem virado para o homem com os seus dramas concretos, existenciais, disposto a iniciar uma caminhada de sofrimento e luta em que os primeiros adversários são, precisamente, os seus companheiros de carreira até àquele dia de descoberta.

Padre Carlos

## Setúbal

Continuação da página 1

Já em casa da mãe, o mais velho, com treze anos, manifestou vontade de vir para nós. «Eles não gostam do homem com quem vivo», justificou a mãe.

Tudo bate certo. Onde faltam os laços familiares facilmente se entra por caminhos de delinquência.

Fui conhecer, há tempos, dois irmãos que viviam com a mãe e uma irmã, a uma pequena aldeia no interior alentejano. A Segurança Social pedira-nos para os recebermos.

Vi-os agarradinhos à mãe e esta a eles. Era tudo muito pobre. Tinham uma terra e família. Não quiseram vir. Com outros que tais, tem sido assim. A promoção para estes casos

tem de ser no local onde vivem.

Nas cidades normalmente as coisas têm outro enredo. Os progenitores multiplicam-se em separações e ajuntamentos, andando os filhos desgarrados ao sabor dos interesses dos adultos. E perdidos, perdem-se.

Temos, por vezes, rapazes muito marcados pela rejeição que os trouxe até nós. Quanta dificuldade em fazerem uma vida escolar com aproveitamento, que será para eles uma importante alavanca que lhes poderá dar um futuro que não seja um regresso ao passado.

Graças a Deus que nem todos os rapazes estão marcados por esta mágoa. Haja mais amor e menos egoísmo.

Padre Júlio



## Praticando o Bem

Continuação da página 1

O Meritíssimo Juiz de Direito manda-me notificar através da Oficial de Justiça para, no prazo de dez dias, informar qual a semana em que os menores poderiam passar as férias com a irmã.

Respondi em officio que transcrevo: «O Joel, no primeiro período escolar recuperou bastante e adaptou-se à Escola dando-nos esperanças de equilíbrio, no segundo e terceiro períodos, além de ter faltado às aulas quando lhe apeteceu, não ligou ao estudo, desrespeitou os professores e foi classificado como um dos piores, senão o pior, aluno do 7.º ano, da Escola EB2/3, de Paço de Sousa.

Rapazes que não estudam, durante o ano lectivo, não merecem férias.

É assim que os pais dignos fazem aos filhos».

A resposta é-me dada ditatorialmente: «Deverá dar imediato cumprimento ao despacho (...) entregando os menores, Joel Carlos e Nelson Faria, a sua irmã, Tânia Patrícia Carvalho Graça, para que passem um período de férias com a mesma (11 a 24 do corrente mês de Agosto)».

Que responder ao douto despacho do Meritíssimo Juiz?

Que o leve para sua casa e o eduque?  
Que encontre outra obra melhor do que esta onde o Tribunal possa mandar?

Que lave as mãos à espera do que acontecer?  
Sabemos que o Meritíssimo Juiz fica sempre bem. O pior poderá acontecer aos adolescentes que vêm, agora, somente, no Tribunal e na sua irmã a libertação da nossa tutela. Eles vêm o agora, não percebem ainda o amanhã.

A nós, como pais, interessa-nos o amanhã.  
O estrago na mentalidade juvenil da comunidade de cento e trinta rapazes, causado por esta imposição, é incalculável. A autoridade de quem governa a Obra é nula.

Não venha, no futuro, o doutor Juiz condená-los! Pela Lei de Deus, a que ninguém foge, o condenado será o juiz.

Padre Acílio

## PENSAMENTO

Tenho pena de ser notado. Mas, se não posso remover este mal, não quero, por causa dele, deixar de fazer bem. Sim, fazer bem a ti, distribuindo o que me confias.

PAI AMÉRICO

## Benguela

Continuação da página 1

família unida e estável segura na rocha do amor conjugal. Este filho, ainda bebé e depois, agia como um gravador de alta fidelidade que guardava tudo o que se passava à sua volta. À medida que ia crescendo tocava a «música» que gravou: guerra familiar. É o que acontece a muitos filhos que serão os jovens de amanhã. Estou a escrever no «dia mundial da juventude». A Casa do Gaiato não é a solução para estas situações dolorosas. O pai ouviu-me e foi-se mais preocupado ainda do que quando veio. Pedi-lhe que buscasse o remédio adequado à doença e acreditasse na força insubstituível do lar amarrado pelos laços do verdadeiro amor. Ainda era tempo!

Outros casos têm surgido com notas diferentes. Foi a mãe que morreu e o filho ficou. O pai morreu na guerra e a mãe não tem possibilidades materiais de educar os filhos. O pai e a mãe desapareceram, o filho estava na casa dos primos, mas já estão cansados por-

que o garoto gosta muito da rua e não vai à escola. E mais e mais...

Tenho falado, muitas vezes, do valor humano riquíssimo do povo angolano que é a família alargada. Enquanto noutros povos o núcleo da família, constituído pelo pai e pela mãe, assume a grande responsabilidade pelos filhos, a família alargada estende-se aos tios, primos e outros parentes com grande benefício para os descendentes. Este valor cultural, tão enraizado na vida do povo, é o grande receptáculo dos filhos que perdem o pai ou a mãe biológicos. Nem por isso ficam abandonados. Os outros membros da família alargada assumem-nos como seus.

Se é assim, porque estão as Casas do Gaiato tão cheias? Este valor humano foi duramente atingido pela guerra devastadora do património material e humano da Nação angolana. A maior riqueza do povo que é a sua cultura foi destruída, em parte. A Casa do Gaiato quer estar atenta a esta situação para que não venha a contribuir para o desgaste maior deste valor humano ao assumir

responsabilidades que são dos familiares existentes. Assim tenho respondido aos adultos que nos batem à porta: Onde houver um resto de família em que a ligação afectiva não foi cortada com a criança, aí deve estar o filho. A ajuda seja levada por outro caminho que não o internamento. Creio que, deste modo, o nosso trabalho respeita o ritmo da natureza e da cultura. A criança tem direito a nascer e a crescer na família alimentada pelo amor conjugal e filial. Quando aquela faltar, seja encontrado o lugar mais próximo da família. O uso dizer: A Casa do Gaiato de Benguela é para os extremos. Infelizmente, nesta hora, Angola tem muitos! Nos grandes centros urbanos de Luanda e Benguela-Lobito a franja social das crianças da rua é muito significativa.

Há muitas empresas a explorar a riqueza do petróleo nas águas profundas do mar de Angola. Fazem falta empreendimentos para descobrir e explorar a riqueza escondida na profundidade do coração dos filhos da rua. Também eles fazem parte do suporte insubstituível para a reconstrução humana de Angola. E, porque não dizer também, para a reconstrução material da Nação?!

Padre Manuel António